



Em suas primeiras experiências profissionais, Fernand Deligny trabalhou em algumas escolas. Na terceira escola em que ele trabalhou, ele se deparou com crianças “anormais especialistas em atitudes e modos de ser” (Deligny, 1949b, p. 3, tradução nossa)<sup>4</sup>. Então, revelando os primeiros passos de seu combate, Deligny adapta os princípios da pedagogia freinetiana (Matos, 2017) e aposta em passeios nos bosques ao redor da escola, em contar histórias e outras atividades afins. Nessas circunstâncias, ele acaba percebendo que as instituições estavam moldando, condicionando, limitando ou até fazendo uma captura dos modos de ser desses jovens. Então, a partir daí ele se movimenta de diferentes maneiras, em três tentativas, para mostrar e experienciar com os jovens como era estar fora da instituição.

Portanto, os objetivos deste trabalho são analisar duas principais obras do autor: "*Les enfants ont des oreilles*" (1949) e "*Camérer: à propos d'images*" (2021), como também obras complementares; investigar os conceitos e características mais latentes de cada tentativa de Fernand Deligny e por fim, a partir dessa análise e investigação, aferir como essa trajetória do autor pode contribuir no que entendemos e no que consideramos pertinente para a formação de um profissional da educação.

As discussões apresentadas nesta pesquisa fazem um entrelaçamento entre a obra e trajetória do autor Fernand Deligny e a formação de professores. Diante disso, o texto traz alguns extratos que ampliam a discussão da formação docente, trazendo uma perspectiva diferente sobre o assunto, que podem resultar em novas ideias ao construir os currículos e as jornadas de formação para os professores.

Tendo isso em vista, os resultados que temos nesta pesquisa são justamente a ampliação do campo de discussão, como também a visibilidade para pontos de vista não abordados anteriormente no que tange a formação de profissionais da educação. Assim, longe de encerrar o debate, a pesquisa opera como um dispositivo de abertura a novas camadas de leitura, bem como o fortalecimento da rede investigativa em torno do referencial teórico e do tema em geral.

## **METODOLOGIA**

O trabalho assume uma metodologia de estudo bibliográfico conceitual com metodologia exploratória. A metodologia de estudo bibliográfico conceitual sustenta o referencial teórico aqui apresentado, em que reúne os principais conceitos do autor escolhido. Já a metodologia exploratória se dá pela relação feita entre o referencial teórico e a formação

<sup>4</sup> Excerto original no francês: "*anormaux experts en attitudes et manières d'être*".

de professores, visto que o autor-base desta pesquisa não assume-se um estudioso em formação docente. Contudo, a análise feita pelas pesquisadoras compreende que há aproximações e contribuições a serem exploradas na trajetória de vida de Fernand Deligny que são potentes na discussão na formação de educadores.

### **FERNAND DELIGNY (1913-1996)**

O francês se autodenominava etólogo, escritor e poeta, recusando o termo de “educador” e seus sinônimos devido a forte vinculação que estes têm com as instituições. No entanto, Deligny continua sendo estudado dentro da Educação Especial, especialmente na França.

Atualmente, fevereiro de 2026, Deligny possui apenas três livros publicados em editoras no Brasil. Este dado é uma infelicidade e grande perda para os estudos brasileiros, visto que as contribuições do autor ainda são relevantes, mesmo tendo sido feitas durante o século XX. Por esta razão, as pesquisadoras realizaram traduções amadoras de ambos livros estudados.

Formado na *École normale d’instituteurs*, conhecido como Magistério no Brasil, Deligny inicia os cursos de Filosofia e Psicologia na Universidade de Lille. Antes de abandonar os cursos formais, o francês se envolve politicamente com seus colegas, chegando até a se inscrever na Juventude Comunista.

Todavia, Deligny ainda encontrava tempo para se dedicar a uma das suas paixões: a arte cinematográfica, passando grande parte do seu tempo nos cinemas da cidade. Igualmente, gastava seus dias escrevendo, sendo o redator chefe da revista *Lille Université* entre os anos de 1933-1935 (Toledo, 2007).

É durante a ocupação nazista na França - no decurso da 2ª Guerra Mundial - que acontece uma reformulação na educação, se tornando cada vez mais autoritária e buscando “consertar” a infância “inadaptada”. Da mesma forma, por sorte, outros movimentos pedagógicos experimentais acontecem, questionando este ensino dominador.

Neste contexto, Deligny se depara com a realidade da educação na França no decorrer da guerra. Jovens que eram rejeitados pela sociedade por serem “anormais”, termo recorrente à época. Então, começa seu longo trabalho de criticar e lutar contra a institucionalização da educação e psicopatologização dos jovens.

Em suas críticas, Deligny traz uma valorização das singularidades das existências dos jovens e crianças e reconhece a necessidade de criar espaços que não as reprima. Com este

desejo, surge suas três experiências, ou como ele denominava, três tentativas: *Armentières*<sup>5</sup> (1939-1943), *La Grande Cordee*<sup>6</sup> (1948-1967) e *Cévennes ou rede-aracniana*<sup>7</sup> (1968-1986). Neste texto, serão exploradas as duas primeiras experiências.

## 1ª e 2ª TENTATIVAS

Para além de se posicionar através de um discurso, as tentativas eram uma experimentação prática. Deligny entendia que cada ser tem seu próprio modo de existência, ao contrário do capitalismo, em que o ser instituído só pode existir de uma única maneira: a produtiva. As experimentações ocorreram em três momentos e a primeira tentativa pode ser considerada uma tentativa intrainstitucional (Miguel, 2024). As circunstâncias que levaram a instauração dessa primeira experimentação envolvem o conceito de inadaptação instaurado durante a Segunda Guerra.

A concepção de inadaptação é instituída sob um caráter econômico e moralista. O Estado reúne jovens para lutar a guerra, assim como ordena que esses jovens reconstruam o continente que ficou em ruínas após esse período. Nesse processo, as condutas, os gestos e os modos de existir que escapavam aos padrões de comportamento passam a ser considerados como formas de agir a serem corrigidas. Para isso, o Estado aciona dispositivos de ajuste e controle — como, por exemplo, as Classes de Aperfeiçoamento e os testes *Binet-Simon* (Deligny, 1949b, p. 6, tradução nossa)<sup>8</sup> tendo como objetivo a eficiência econômica e a manutenção da ordem social.

Considerando isso e a partir de uma linha cronológica, a primeira tentativa começa na escola. A principal atividade neste espaço eram as contações de histórias. Deligny contava essas histórias a partir de desenhos de objetos-personagens que ele traçava no quadro de giz. As histórias são contadas com objetos, pois segundo Deligny (1949b, p. 21, tradução nossa)<sup>9</sup>: “elas emprestam com facilidade sua própria vida a tudo o que olham”. Além de que, as histórias com objetos fogem de um propósito moralista e focadas em relações hierárquicas e egocêntricas, camufladas no “mundo da fantasia”.

<sup>5</sup> Nome do asilo na região de Lille- FR. <https://www.ville-armentieres.fr/bienvenue-armentieres>

<sup>6</sup> Em francês é a imagem de um grupo de alpinistas que escalam a montanha e se ligam por meio de uma corda. Tradução: A grande corda.

<sup>7</sup> Cevenas é uma região montanhosa, na região de Occitane, FR. Aracniano é parte da ideia de uma rede de teia de aranha denominada em francês por *aracnée*.

<sup>8</sup> Excerto original no francês: “*classes de perfectionnement et les tests de Binet et Simon*”.

<sup>9</sup> Excerto original no francês: “*Ils se ressentent toujours un peu comme l’objet universel*”.

*Armentières* é o nome do asilo psiquiátrico em que Deligny fora trabalhar após deixar a escola; em algumas bibliografias, a primeira tentativa também é conhecida por esse nome. Neste lugar, são vigias que acompanham os jovens. O controle institucional permanecia, porém aqui era feito através de punições, como camisas de força, eletrochoques e afins. A primeira ação de Deligny foi suspender essas punições. Outro aspecto presente nessa tentativa foi a mobilização para com os vigias e os jovens, a fim de que convivessem juntos, abandonando a relação hierárquica e evocando os saberes de todos em atividades artísticas, de criação e em passeios ao ar livre.

Há um terceiro e último espaço que Deligny trabalhou dentro da primeira tentativa, o Centro Social. Aqui, os jovens, além de serem chamados de “anormais”, são chamados de “delinquentes”. Eles estão neste local para serem avaliados e posteriormente enviados para a prisão, para a escola — chamada também de classe especial — ou para um acompanhamento social. Deligny organiza o espaço desvencilhando-se das portas fechadas. Em sua concepção, os jovens deveriam conviver com a comunidade e realizar as mais diversas atividades, como: culinária, jardinagem, esporte, práticas de limpeza e organização do espaço habitado, etc.

Ao finalizar seus trabalhos institucionais, Deligny aprende que permanecer em um só lugar, ainda mais com uma ideia tão radical, tende a se tornar um alvo fácil. Desta forma, ele entende que precisa se organizar em rede (Marlon, 2024). Após ir à Paris para participar de um espetáculo encenado por jovens trabalhadores, percebe a oportunidade de criar uma rede para acolher estes “delinquentes”.

Ao unir seus dois interesses, de se opor à institucionalização do ensino e o fazer filmes, em uma só tentativa, nasce a sua segunda tentativa, intitulada *La Grande Cordée*. Esta experiência rompe completamente com os laços estatais, tendo sua base em Paris, mas se espalhando por toda a França, como explica Matos (2017):

“Sua pedagogia constituiu espaços de relações coletivas e não hierarquizantes. [...] Ele retirava o foco curricular patológico social ou biológico e imprimia à ação uma dimensão sócio-política de coparticipação e de responsabilização institucional coletiva pelo processo pedagógico. Depois de muitas experimentações e embate político pedagógico junto às instituições educativas públicas, Deligny critica e tensiona sua relação contra as políticas de governo porque elas insistem em investir em discursos educativos de caráter adaptativo, com bases nas teorias biologistas, psicologizadoras e patológicas da época.” (MATOS, 2017, p. 2238-2239).

Nesta rede, “jovens se reúnem regularmente com uma atividade criadora precisa (cinema, mímica-marionetes, cerâmica, expressão gráfica, dança, pesquisa de protótipos de brinquedos modernos, emissão radiofônica, etc.)” (Deligny, 1949a, p. 72). Entre essas atividades, estava o ato de *camerar*, termo criado por Deligny.

Segundo Toledo (2018, p. 90), “o termo ‘*camérer*’ desloca, então, o objeto. Coloca o foco no processo, na atividade infinitiva [...]. Aqui estamos: *camérer* é gravar, assim como escrever é inscrever, traçar [...]”. Portanto, diferentemente de filmar, *camerar* possui o foco no processo, e não no seu resultado final.

Ao permitir que estes jovens explorem sua experiência de ser, com a câmera, Deligny os aceita sem os rotular como “anormais” ou “doentes”, o que impede qualquer tipo de psicopatologização e medicalização. Uma vez que, segundo Deligny (2021, p. 77): “quanto mais avançávamos em nossa abordagem, mais ficava claro que buscávamos uma arte de viver que permitisse a essas crianças existir.” Assim, cria-se uma forma de fazer pedagogia sem exercer controle ou descriminalizar os jovens.

## **APROXIMAÇÕES ENTRE DELIGNY E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Após essa explanação da trajetória de vida do autor e de seu combate de vida, a presente seção do texto mapeia algumas ações, posicionamentos e formas de existência apresentados até aqui que podem contribuir para a formação de professores. Então, analisando o que as tentativas têm em comum, percebe-se três coisas: o fazer coletivo, o enfrentamento ao modo controlador das instituições e o estar com crianças e suas diversas formas de existir.

Deligny (1949b, p. 10, tradução nossa)<sup>10</sup> traça: “São as próprias tensões do trabalho coletivo que atuam como educadoras”. Portanto, não tem como haver mobilização e reconfiguração de circunstâncias sem estar com o outro, sem o encontro com o outro. Por exemplo, as contações de histórias não eram para as crianças, eram com as crianças. A partir do momento em que as práticas escolares são pensadas e vivenciadas com as crianças, as circunstâncias mudam, sendo possível uma educação sob outras circunstâncias. De modo que, se desestruture, se esquive de alguma forma das posições institucionais que limitam os aprendizados e formas de vida.

Essa questão do fazer e do viver coletivo se entrelaça com a crítica institucional que o profissional de educação pode fazer. Considerando o fato de que o educador pode atuar em vários tipos de instituições, a crítica nada mais é do que analisar os movimentos institucionais

<sup>10</sup> Excerto original no francês: “*Ce sont les tensions même du travail collectif qui servent d'éducateurs*”.

locais e sistêmicos. Assim como Deligny no início de sua jornada criou brechas nas instituições que trabalhou, o professor pode, junto com as crianças e jovens, fazer diferente. Ao analisar as capturas institucionais, é possível se deslocar, se movimentar, embaralhar as relações hierárquicas e tensionar as relações de poder existentes nas instituições.

Na convivência com crianças inadaptadas, Deligny pouco intervém nos gestos rotineiros delas. Sobre isso, Deligny (2020, p. 52) aconselha: “T. é brutal e teimoso. Não se apresse em tirar suas garras. Talvez elas sejam suas únicas qualidades”. Ou seja, não se apresse em adequá-las, apenas deixe seus gestos continuarem existindo sob outras circunstâncias, como: ao contar histórias, manusear uma câmera, traçar e desenhar, entre outros. Os gestos são a forma de viver desses jovens, por isso quaisquer ações realizadas por eles diariamente terá características únicas e singulares, que expressam o que realmente são. Diferentemente do que ocorre nas instituições, que é uma adaptação forçada à rotina social.

Então, ao pensar sobre formação de professores, a valorização do gesto da criança deve ser discutida. E isso se torna um movimento potente, pois além de não seguir a lógica institucional, “o educador torna-se um criador de circunstâncias, a se debater com todas as inércias” (Deligny, 2018, p. 126). Circunstâncias em que a criança possa criar, inventar e brincar a partir de seus próprios gestos.

Ao analisar especificamente a primeira tentativa, há aproximações entre ela e a formação docente. Por exemplo, a crítica às histórias infantis clássicas. Deligny (1949b) argumenta, explicando a problemática das histórias infantis fantásticas:

“E as crianças assistem a um desfile desajeitado onde indivíduos com estatura histórico-legendária — que têm mais ou menos a mesma realidade social que um manequim de vitrine — aparecem inteiramente adornados de virtudes chamativas e sem reverso. Vazios e estupidamente majestosos, atravessam a memória das crianças como aqueles gigantes de vime cobertos por enormes saias que as pequenas cidades do Norte desfilam nos dias de quermesse. E essa caravana estereotipada dos heróis porta-virtude fracassa em seu efeito, pois as crianças continuam livres para pensar que as belas ações são atributo de personagens fictícios — portanto, inumanos —, fixados em seu papel de exibir qualidades desmedidas, das quais, por essa mesma razão, livram a humanidade comum, que tem outras preocupações.” (Deligny, 1949b, p. 19, tradução nossa)<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Excerto original no francês: “*Et les gosses assistent à un défilé maladroit où des individus à la taille historico-légitime, qui ont à peu près la même réalité sociale qu'un mannequin d'étalage, sont tout parés de vertus voyantes et sans envers. Vides et stupidement majestueux, ils traverseront la mémoire des enfants comme ces géants bâtis en osier et voilés d'immenses jupons que les petites villes du Nord voient sortir les jours de kermesse. Et cette caravane stéréotypée des héros porte-vertu manque son effet car les enfants restent libres de penser que les belles actions sont l'apanage de personnages fictifs puisque inhumains, figés dans leur rôle qui est d'exhiber des qualités hors mesure dont ils débarrassent par là même l'humanité courante, qui a bien d'autres préoccupations*”.

As histórias que são comumente contadas às crianças possuem gnomos, fadas, castelos e outros símbolos de fantasia em sua narrativa. O autor argumenta que esses personagens não existem no cotidiano das crianças, além de sempre apresentarem uma lição de moral ao final de cada história. Portanto, contar histórias com crianças requer trazer elementos da vida cotidiana delas, como é o caso dos objetos, que “estão carregados de histórias que as crianças pressentem ao brincar com eles ou ao olhar, não tanto o que eles são, mas o que figuram ou podem figurar” (Deligny, 1949b, p. 22, tradução nossa)<sup>12</sup>. Isso torna as histórias parte da realidade delas.

Outra contribuição que Deligny traz ainda na primeira tentativa é sobre as punições. As punições mais comuns na vida escolar na contemporaneidade são os castigos, as proibições (não permitir participar do intervalo, de atividades coletivas), as diferentes advertências ou até em alguns casos, as suspensões e expulsões. Para todos esses tipos de punições, há a necessidade de discutir — cada uma sob suas circunstâncias — se elas não estão oprimindo, limitando ou ridicularizando essa criança. Assim como acontecia no contexto de adaptação forçada das Classes de Aperfeiçoamento, por exemplo.

Ainda sobre as contribuições da primeira tentativa, o autor critica a falta de atividades da vida comum dentro das instituições: “A vida em internato é um excelente aprendizado à vida do hospício, dá às crianças hábitos que não preparam em nada os gestos cotidianos da vida normal” (Deligny; Guilbert, 1944, p. 2 apud Miguel, 2024, p. 32). Ao considerar que o que norteia as atividades do cotidiano escolar é o que chamamos de currículo. Portanto, o educador ao compor o currículo, deve atentar-se em propor atividades que não estejam à parte da vida da criança, mas que converse com o que ela vive cotidianamente em sua casa e na vida social.

Já na experiência relatada em "*Camérer: à propos d'images*" (2021), texto de sua segunda tentativa, Deligny descreve o uso da câmera como uma ferramenta de ensino ao criar projetos de filmes junto com às crianças e jovens autistas. Para ele, o *camerar* é mais que fazer um filme, é uma prática que busca captar algo não totalmente controlado ou institucionalizado. *Camerar* é o acaso e o inusitado encontrando a câmera. É mostrar o que é passado despercebido; é revelar o que não é belo o suficiente para ser visto.

E é justamente por isso que *camerar* possibilita um estar no mundo, envolvendo um modo de atenção, escuta e registro, sem julgamento e sem fim educativo instrutivo. Uma vez

<sup>12</sup> Excerto original no francês: “*Les moindre objets de la vie de tous les jours son bourrés d'histoires que les enfants pressentent lorsqu'ils jouent avec eux ou regardent non pas tellement ce qu'ils sont, mais ce qu'ils figurent ou peuvent figurer*”.

que busca apenas o processo da experiência com a câmera, sem a interpretação das imagens produzidas.

Ao analisar a prática pedagógica da atualidade, é possível perceber como o julgamento e produtividade ainda se faz presente, regendo as salas de aula, mesmo que inconscientemente. É ensinado aos que ensinam, apenas aplicar aquilo que será útil para o mercado de trabalho futuramente. Aos que não se enquadram neste padrão, cabe a medicalização e não raramente, a completa expulsão da instituição.

De tal maneira, podemos concluir que é preciso encontrar momentos no cotidiano letivo onde é permitido e incentivado o fazer sem utilidade e produtividade, apenas pelo prazer de brincar, manusear e estar em coletividade. Compete ao professor criar um espaço para seus alunos apenas existirem, criarem e agirem sem a exigência de produzir. Assim, sem a necessidade constante de interpretar para julgar, educar para utilizar, os discentes podem desenvolver um modo de registrar sua experiência, de estar no mundo, sem adoecimentos.

## **PALAVRAS FINAIS**

Deligny dedicou sua vida para lutar pela não institucionalização e padronização dos jovens “inadequados”, de tal maneira que suas contribuições para a formação docente ainda estão longe de se esgotar. O intuito do texto não é finalizar tal temática, mas fomentar mais estudos acerca do assunto.

Suas tentativas buscavam permitir que diferentes vivências pudessem ter espaço dentro do cotidiano, sem serem oprimidas ou rejeitadas. Acolhidas da forma que são, sem o desejo de ajustá-las ou reprimi-las. Oportunizar que os “anormais” fossem vistos, e quem sabe, até valorizados.

Destarte, o trabalho docente deve estar firmado no princípio de amparar e apoiar aqueles que mais precisam. Estarem atentos a seus gestos e permitir que estes tenham um lugar seguro dentro das salas de aula para existir, sem julgamentos. Desta forma, os ambientes de aprendizagem podem se tornar lugares mais enriquecedores, tanto para o professor quanto para o aluno.

## REFERÊNCIAS

DELIGNY, Fernand. *Camérer: à propos d'images*. Organização de Sandra Alvarez de Toledo, Anaïs Masson, Marlon Miguel e Marina Vidal-Naquet. Paris: L'Arachnéen, 2021.

DELIGNY, Fernand. *La grande cordée*. *Enfance*, Paris, v. 2, n. 1, p. 72–76, 1949a.

DELIGNY, Fernand. *Les enfants ont des oreilles*. Paris: Éditions ouvrières, 1949b.

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes*. São Paulo: n-1, 2018.

DELIGNY, Fernand. *Semente de crápula: conselhos aos educadores que queiram cultivá-la*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

TOLEDO, Sandra Alvarez de (org.). *Fernand Deligny – Œuvres*. Paris: Éditions de L'Arachnéen, 2007.

TOLEDO, Sandra Alvarez. *Point de Vue / Point de Voir*. Cadernos Deligny, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 11, 2018.



**VENLIC SUL**  
Encontro das Licenciaturas da Região Sul

VPIRID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
IIANFOPESUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Os educadores franceses Célestin Freinet e Fernand Deligny*. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2231-2244, out./dez. 2017.

MIGUEL, Marlon. *Fernand Deligny e as ecologias do humano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2024.